



LIÇÃO 11

13 de Setembro de 2026

3º TRIMESTRE 2026

ADULTOS

Entre tempestades e promessas

Esboço Da Lição 11

Do 3º Trimestre

De 2026

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

A IGREJA DOS GENTIOS
Da chamada missionária à consolidação do Evangelho entre os povos

Domingo, 13 de setembro 2026

ENTRE TEMPESTADES E PROMESSAS

Pb. Murilo Alencar ¹

INTRODUÇÃO

Depois de permanecer preso por dois anos em Cesareia e de apelar para César, Paulo foi enviado a Roma sob a guarda do centurião Júlio. Durante a viagem, já depois do Dia da Expição, quando a navegação pelo Mediterrâneo se tornava perigosa por causa da proximidade do inverno, o apóstolo advertiu que prosseguir com o itinerário traria graves prejuízos a todos os viajantes, mas seu conselho foi ignorado. Pouco depois, uma violenta tempestade atingiu o navio, e todos perderam a esperança de sobrevivência. Nesse momento de desespero, Deus confirmou que Paulo chegaria a Roma e garantiu que nenhuma das pessoas que viajavam com ele perderia a vida. Nesta lição, estudaremos por que a advertência de Paulo foi ignorada, de que maneira a promessa de Deus renovou a esperança dos que estavam no navio e como o Senhor preservou todas as vidas durante o naufrágio. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO ÁUREO

Mas agora recomendo-lhes que tenham coragem, pois nenhum de vocês perderá a vida; apenas o navio será destruído. (At 27.22, NVI).

Mas agora peço que tenham coragem. Ninguém vai morrer; vamos perder somente o navio. (At 27.22, NTLH).

Em momentos de crise, muitas pessoas avaliam a fidelidade de Deus pelo resultado que esperavam receber: “Se Deus está comigo, tudo precisa terminar exatamente como eu gostaria.”

A experiência vivida por Paulo e pelos demais passageiros do barco em Atos 27 mostra outra realidade. **Deus havia prometido preservar a vida de todos, mas não prometeu impedir a tempestade, conservar o navio ou poupar aqueles homens do desgaste de uma viagem traumática.** A embarcação foi destruída, a carga se perdeu e todos chegaram à terra depois de enfrentar dias de medo e incerteza. Mesmo assim, nenhuma vida foi perdida, exatamente como o Senhor havia anunciado.

A fidelidade de Deus, portanto, não pode ser medida pela forma como gostaríamos que a crise ou problema fosse resolvido, mas pelo cumprimento daquilo que Ele realmente prometeu. Por isso, em momentos de crise, precisamos distinguir entre aquilo que esperávamos que Deus fizesse e aquilo que Ele de fato prometeu ou não fazer.

¹ Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco.

VERDADE PRÁTICA

Mesmo quando perdas materiais são inevitáveis, Deus preserva a vida e cumpre suas promessas àqueles que confiam nEle.

Há confiança quando conhecemos o caráter de alguém e temos razões para considerar sua palavra segura. Confiar, portanto, é levar essa palavra a sério e agir na convicção de que quem falou será fiel ao que disse. Uma pessoa é confiável quando há coerência entre o que diz e o que faz, de modo que podemos depender de sua palavra.

Deus é confiável porque seu caráter não muda, sua palavra não falha e seu poder é suficiente para realizar aquilo que prometeu. Ele não promete tudo o que queremos, nem afirma que nos poupará de toda perda ou sofrimento. Contudo, aquilo que Ele promete certamente se cumpre (Nm 23.19; Hb 10.23).

Por essa razão, confiar em Deus é continuar levando sua Palavra a sério mesmo quando as circunstâncias parecem seguir na direção contrária. Nem sempre compreenderemos o que Ele está fazendo ou por que permitiu determinado caminho, mas sabemos quem Ele é. A nossa confiança deve se manter firme porque Deus não muda, não mente e não deixa de cumprir aquilo que prometeu.



1. A TEMPESTADE QUE SURGE NA VIAGEM

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

1.1 A decisão precipitada de navegar apesar da advertência de Paulo (vv.9-12).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Mesmo na condição de prisioneiro, Paulo demonstra discernimento espiritual ao alertar que a viagem seria perigosa e traria prejuízos (v.10). Contudo, o centurião e a tripulação confiaram mais na experiência técnica do piloto do que na orientação que Deus concedia por meio do apóstolo (v.11). Essa escolha revela uma tendência recorrente do ser humano: priorizar a lógica humana em detrimento da direção divina.*

O texto bíblico diz:

⁹Depois de muito tempo, tendo-se tornado a navegação perigosa, e já passado o tempo do Dia do Jejum, Paulo os aconselhou, ¹⁰dizendo: — Senhores, vejo que a viagem vai ser trabalhosa, com dano e muito prejuízo, não só da carga e do navio, mas também da nossa vida. ¹¹**Porém o centurião dava mais crédito ao piloto e ao mestre do navio do que ao que Paulo dizia.** ¹²Não sendo o porto próprio para invernar, a

maioria deles era de opinião que deviam partir dali, para ver se podiam chegar a Fenice e aí passar o inverno, visto ser um porto de Creta, que olha para o noroeste e para o sudoeste (At 27.9-12, NAA).

A viagem até Bons Portos havia consumido muito tempo, e o período favorável à navegação estava chegando ao fim. Lucas informa que o Jejum, uma referência ao Dia da Expição, já havia passado. Celebrada entre o final de setembro e o começo de outubro, essa data indicava a aproximação de uma estação marcada por ventos fortes, tempestades e maior dificuldade para navegar em mar aberto. A advertência de Paulo, portanto, correspondia às condições que todos já enfrentavam: a viagem estava lenta e o risco aumentava a cada dia.

Embora não fosse marinheiro, Paulo também não era um passageiro inexperiente. Antes dessa viagem, ele já havia sobrevivido a três naufrágios e passado uma noite e um dia à deriva no mar (2Co 11.25). Quando ele declarou que a viagem poderia causar grandes prejuízos à carga, ao navio e às vidas, o apóstolo avaliava a época do ano, os ventos contrários e sua própria experiência.

Lucas não afirma que Paulo recebera uma revelação específica naquele momento. A expressão “veja que a viagem vai ser trabalhosa” descreve uma percepção fundamentada nas circunstâncias. A revelação divina será registrada claramente mais adiante, quando um anjo assegurar que Paulo chegaria a Roma e que todos os passageiros seriam preservados (At 27.23,24). Por essa razão, o que Paulo diz nos versículos 9 e 10 deve ser compreendido como uma avaliação prudente, própria de um homem experiente e espiritualmente sóbrio, e não necessariamente como uma profecia.

O centurião, por sua vez, decidiu seguir o parecer do piloto, do proprietário do navio e da maioria. Bons Portos oferecia abrigo, mas não possuía boas condições para passar todo o inverno. Fenice, localizada cerca de sessenta e cinco quilômetros a oeste, parecia oferecer um porto mais protegido. **A proposta possuía argumentos técnicos, porém seus defensores valorizaram as vantagens do destino sem considerar adequadamente os perigos do trajeto.**

A passagem bíblica não ensina que o conhecimento profissional é inimigo da fé. O piloto conhecia o mar, e o proprietário conhecia a embarcação. Contudo, nenhum dos dois controlava os ventos nem podia garantir que o navio chegaria a Fenice. O erro cometido por aqueles homens estava na confiança excessiva de que experiência, planejamento e o apoio da maioria seriam suficientes para vencer as condições que já se mostravam perigosas.

Lucas também não declara que a tempestade foi um castigo enviado por Deus porque a advertência de Paulo havia sido rejeitada. A tripulação assumiu um risco elevado e sofreu as consequências de uma decisão imprudente. A soberania de Deus será percebida na maneira como o Senhor preservará os passageiros e cumprirá seu propósito de levar Paulo a Roma, apesar da perda do navio e da carga.

Aplicações:

- Uma decisão desejável pode ser tomada no momento errado. Fenice oferecia melhores condições, mas a viagem até lá era perigosa. Antes de avançar em nossos planos, precisamos avaliar o destino, o caminho e o momento.
- A opinião da maioria não elimina os riscos. Muitas pessoas podem concordar com uma escolha precipitada. O cristão, no entanto, deve examinar as razões apresentadas e levar as advertências a sério.

- A fé em Deus não deve desprezar o conhecimento técnico. Profissionais devem ser ouvidos, mas sua competência possui limites. Decisões sábias reúnem conhecimento, oração, experiência, bons conselhos e humildade.
- Esperar em uma situação desconfortável pode evitar perdas maiores. Permanecer em Bons Portos não era a opção mais agradável, porém seria mais prudente do que enfrentar o mar naquela época do ano.

1.2 A fragilidade humana diante das forças da natureza (vv.13-17).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Um vento favorável levou a tripulação a acreditar que a decisão fora correta (v.13), mas logo foram surpreendidos pelo Euroaquilão, um vendaval que tirou completamente o controle do navio (vv.14,15). Todo esforço humano mostrou-se insuficiente: cordas, manobras e estratégias falharam (v.17). A tempestade expôs os limites da força humana e revelou a necessidade de depender de Deus.*

Quando o vento sul começou a soprar brandamente, os marinheiros aproveitaram a oportunidade para seguir viagem. Fenice, como já informado, ficava cerca de sessenta e cinco quilômetros a oeste de Bons Portos e, com aquelas condições, o percurso poderia ser concluído em poucas horas. Eles levantaram âncora e navegaram bem próximos da costa de Creta. A viagem, que já era arriscada por causa da época do ano, parecia finalmente contar com condições favoráveis. No entanto, a situação mudou pouco depois.

Lucas informa que um vento de força extraordinária, chamado Euroaquilão, precipitou-se sobre a ilha. O nome dado a este fenômeno natural reúne termos relacionados aos ventos leste e norte e descreve um forte vento de nordeste conhecido pelos navegadores do Mediterrâneo. O autor ainda o chama de *typhōnikós*, termo que comunica a violência de um vento semelhante a um tufão. As regiões montanhosas de Creta favoreciam mudanças repentinas dessa natureza, com fortes correntes de ar descendo das montanhas em direção ao mar.

A força do Euroaquilão atingiu o navio de tal maneira que os marinheiros já não conseguiam manter a embarcação na direção pretendida. Lucas afirma que ela “**não podia resistir ao vento**” e, por isso, eles se deixaram levar (v.15). A expressão não significa que abandonaram o navio à própria sorte, mas que desistiram de tentar manter a rota para Fenice. Continuar lutando diretamente contra aquele vento era impossível.

Ao passarem pelo lado protegido da pequena ilha de Cauda, encontraram abrigo suficiente para tomar algumas medidas de emergência. Primeiro, recolheram com dificuldade o bote que seguia rebocado atrás do navio. Em seguida, utilizaram cabos para cingir a embarcação. Não sabemos exatamente como esse procedimento foi realizado, mas provavelmente os cabos foram passados ao redor ou por baixo do casco para reforçar sua estrutura e diminuir o risco de que as fortes ondas o partissem.

Os marinheiros também temiam ser levados até Sirte, região de bancos de areia na costa do norte da África, conhecida pelo perigo que oferecia aos navios. Por essa razão, baixaram algum equipamento para diminuir a velocidade da embarcação. O termo empregado por Lucas não permite determinar com certeza se era uma âncora flutuante, parte do aparelho das velas ou outro recurso náutico. O certo é que eles procuravam reduzir a deriva e evitar que o vento os conduzisse para uma região ainda mais perigosa.

Portanto, embora já não conseguissem conduzir o navio contra a força do vento, os marinheiros fizeram o que ainda estava ao alcance deles e tomaram medidas para evitar um desastre maior.

Aplicações:

- Nem sempre poderemos mudar a situação, mas ainda podemos decidir como enfrentá-la. Quando determinadas circunstâncias fogem ao nosso controle, devemos identificar aquilo que continua sob nossa responsabilidade e agir.

Confiemos em Deus enquanto fazemos aquilo que está ao nosso alcance e fazemos aquilo que está ao nosso alcance enquanto confiamos em Deus.

1.3 A perda da esperança diante da adversidade (vv.18-20).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Com o agravamento da tempestade, a tripulação lançou fora a carga e os próprios equipamentos do navio (vv.18,19). Após muitos dias sem sol ou estrelas, perderam toda referência e esperança de salvação (v.20).*

O texto diz:

¹⁸Açoitados severamente pela tormenta, no dia seguinte começaram a jogar a carga no mar. ¹⁹E, no terceiro dia, nós mesmos, com as próprias mãos, lançamos ao mar a armação do navio. ²⁰**E, não aparecendo, havia já alguns dias**, nem sol nem estrelas, caindo sobre nós grande tempestade, dissipou-se, afinal, toda a esperança de salvamento (At 27.18-20, NAA).

Ao passo que a tempestade se prolongava, as medidas de emergência se tornavam cada vez mais severas. Lucas informa que, no dia seguinte, começaram a lançar parte da carga ao mar e, no terceiro dia, desfizeram-se também de equipamentos da embarcação (vv. 18,19). A sequência dos dias mostra que o perigo de naufragarem não diminuía. Como ainda havia trigo no navio perto do naufrágio (v. 38), a carga não foi descartada de uma só vez. **Aos poucos, aquilo que antes tinha valor comercial passou a ser sacrificado para aliviar a embarcação e aumentar as chances de sobrevivência.**

Depois de muitos dias sob céu encoberto, aqueles marinheiros perderam também suas principais referências de navegação. O sol e as estrelas eram usados para determinar posição e direção no mar, mas a tempestade impedia qualquer observação. **Eles não enfrentavam apenas ondas violentas; já não sabiam onde estavam nem para onde haviam sido levados.** A expressão usada por Lucas para descrever a tempestade reforça que a violência do mar continuava intensa, sem qualquer sinal de melhora.

Nesse ponto, o desgaste acumulado alcança seu limite. Dias de tempestade, pouca alimentação, perda da carga, descarte de equipamentos e ausência de referências levaram todos a concluir que não escapariam com vida. Quando Lucas escreve que **“foi desaparecendo, afinal, toda a esperança de sermos salvos”** (v. 20), o verbo “salvar” se refere à sobrevivência ao naufrágio. Pelas condições que podiam avaliar, já não havia motivo para esperar um desfecho favorável.

A primeira pessoa empregada por Lucas torna essa descrição ainda mais significativa. Ele não relata apenas que os marinheiros perderam a esperança; afirma que “nós” a perdemos. Lucas estava dentro daquele navio e experimentava o mesmo desgaste dos demais.

Ao registrar que toda esperança de sobrevivência havia desaparecido, Lucas leva o relato ao ponto de maior tensão e prepara o contraste com o que acontecerá em seguida. Quando os marinheiros já não encontravam qualquer razão para acreditar que escapariam com vida, Paulo se levantou para anunciar que Deus havia prometido preservar todos os que estavam a bordo.

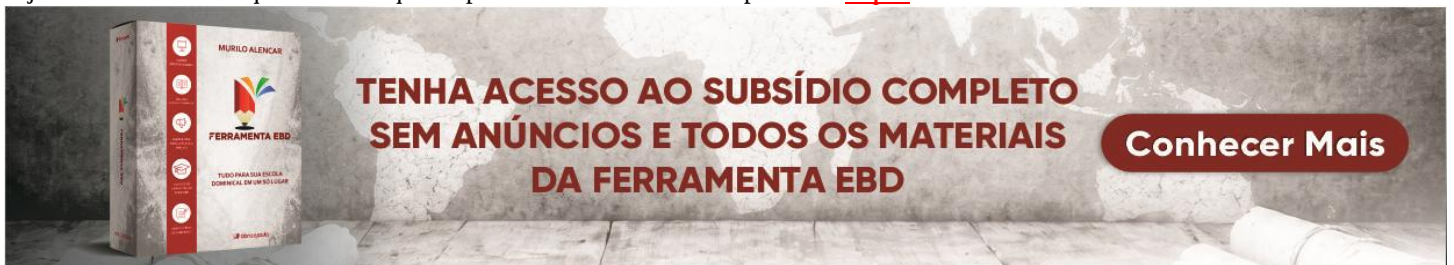
Aplicações:

- As crises prolongadas desgastam de maneira diferente das crises repentinas. Depois de muitos dias sob pressão, pessoas experientes podem chegar ao limite físico e emocional. Precisamos reconhecer esse desgaste antes de tratar o abatimento alheio como falta de fé.
- Há momentos em que preservar o que possui maior valor exige aceitar outras perdas. A carga tinha valor financeiro, mas já não valia mais do que a sobrevivência das pessoas. Nem tudo precisa ser preservado a qualquer custo.

O esgotamento das possibilidades humanas não determina o desfecho da história. No versículo 20, ninguém enxergava saída. Nos versículos seguintes, Deus mostraria que o futuro daquela viagem não seria decidido pela tempestade.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 1):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



2. A INTERVENÇÃO DE DEUS NA HORA DO DESESPERO

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

2.1 A palavra de encorajamento de Paulo (vv.21-26).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Após muitos dias de jejum forçado e absoluto desânimo, Paulo se levanta com autoridade espiritual para falar aos que estavam no navio. Antes de encorajá-los, relembra que sua advertência fora ignorada, o que confere peso às palavras de ânimo que se seguem. Em meio ao caos, o apóstolo transmite esperança, afirmando que não haveria perda de vidas (v.22). Essa esperança não era ilusória, mas fundamentada em Deus, que fortalece os abatidos (Is 41.10) e enche seus servos de esperança pelo poder do Espírito Santo (Rm 15.13).*

Depois de registrar que todos haviam perdido a esperança de sobrevivência, Lucas volta sua atenção para Paulo. O apóstolo se levantou no meio dos passageiros, que há muito tempo não conseguiam alimentar-se adequadamente, e tomou a palavra. A tempestade continuava intensa, o navio permanecia à deriva e nenhuma mudança nas condições do mar indicava que o perigo estava terminando. A esperança seria recuperada por meio de uma palavra recebida de Deus.

Antes de transmitir a mensagem de ânimo aos homens, Paulo recordou que sua advertência em Bons Portos havia sido ignorada. Suas palavras podem soar como uma repreensão, mas cumprem uma função retórica importante no relato. A previsão anterior do apóstolo havia sido confirmada pelos acontecimentos. Se o conselho dado por Paulo antes da partida se mostrara correto, a nova mensagem também merecia ser ouvida. **O apóstolo não retomou o erro cometido para permanecer discutindo o passado; ele desejava preparar aquelas pessoas para ouvirem o que Deus havia comunicado.**

A nova palavra de Paulo era muito diferente da advertência anterior. Em Bons Portos, ele havia previsto prejuízos para o navio, a carga e as vidas. Agora, podia afirmar que o navio seria perdido, porém ninguém morreria. A diferença entre as duas declarações deve ser observada. **A primeira resultou de sua experiência e da avaliação das condições da viagem. A segunda estava fundamentada numa revelação recebida durante a noite.**

Paulo repetiu duas vezes seu apelo: **“tenham bom ânimo”** (vv. 22,25). Ele não pediu que ignorassem o perigo nem tentou convencê-los de que a tempestade terminaria imediatamente. O navio ainda seria destruído, e todos continuariam expostos às dificuldades do naufrágio. O bom ânimo solicitado pelo apóstolo consistia em abandonar o desespero e levar a sério a garantia de que nenhuma vida seria perdida.

A razão dessa confiança encontra-se na declaração: **“eu confio em Deus que tudo vai acontecer conforme me foi dito”** (v. 25). Paulo considerava verdadeira a palavra de Deus antes de contemplar seu cumprimento. O mar não havia se acalmado, a tripulação continuava sem controlar o navio e a terra ainda não estava à vista. Mesmo assim, o apóstolo sabia que o desfecho da viagem já não dependia daquilo que os passageiros conseguiam enxergar, mas da fidelidade daquele que havia falado.

Aplicação:

- O encorajamento precisa estar fundamentado na verdade. Diante do sofrimento, não devemos oferecer garantias que Deus não deu. Paulo reconheceu que o navio seria perdido e anunciou somente aquilo que havia recebido do Senhor.

2.2 A promessa de Deus em meio à crise (vv.23,24).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Quando toda expectativa humana se esvaiu, Deus interveio sobrenaturalmente. Um anjo do Senhor apareceu a Paulo, assegurando que nenhum dos 276 homens pereceria, embora o navio fosse destruído. Essa promessa reafirma que muitas são as aflições do justo, mas o Senhor o livra de todas (Sl 34.19). Ao declarar “Deus, de quem eu sou” (v.23), Paulo reconhece sua total pertença ao Senhor, lembrando que fomos comprados por alto preço (1Co 6.19,20).*

Durante a noite, enquanto o navio continuava sendo castigado pela tempestade, Paulo recebeu a mensagem que lhe permitiria falar aos demais trazendo-lhes esperança. Um anjo do Deus a quem ele servia esteve ao seu lado e anunciou que Paulo chegaria diante de César e que todos os que viajavam com ele seriam preservados (vv. 23,24). Lucas não descreve a aparência do mensageiro nem fornece detalhes da manifestação, porque o interesse do relato está no que Deus comunicou. Havia agora uma palavra divina sobre o desfecho da viagem.

Ao contar o que havia acontecido, Paulo declarou que o anjo vinha do **“Deus de quem eu sou e a quem sirvo”** (v. 23). Com essas palavras, ele identifica publicamente o Deus ao qual sua vida pertencia. Paulo não estava apenas dizendo em quem acreditava; afirmava que pertencia ao Senhor e vivia para servi-lo. Em um navio ocupado por pessoas de diferentes origens e crenças, sua esperança estava vinculada ao Deus que acabara de lhe falar.

Antes de anunciar o que aconteceria aos demais passageiros, o anjo dirigiu uma palavra ao próprio Paulo: **“Não tenha medo”** (v. 24). Depois de tantos dias de tempestade e da perda da esperança de viverem mencionada no versículo 20, essa palavra mostra que Paulo também precisava ser fortalecido.

A garantia de que Paulo sobreviveria estava ligada diretamente ao propósito de levá-lo a Roma: **“É necessário que você compareça diante de César”** (v. 24). Esse encontro não dependia apenas de uma decisão judicial romana, pois o próprio Senhor já havia declarado que Paulo testemunharia em Roma (At 23.11). Por isso, a tempestade não poderia encerrar sua viagem antes que esse propósito se cumprisse.

Junto com a garantia dada a Paulo, Deus também anunciou a preservação de todos os que estavam no navio: **“Deus lhe deu todos os que estão navegando com você”** (v. 24). O verbo “deu” não significa que aquelas pessoas passariam a pertencer ao apóstolo, mas que suas vidas lhe haviam sido concedidas como favor. Mais adiante, Lucas informará que havia duzentas e setenta e seis pessoas a bordo (v. 37).

O alcance dessa promessa precisa permanecer dentro do que o próprio episódio afirma. O texto não ensina que todo cristão receberá proteção contra qualquer tragédia nem que todos ao seu redor serão sempre preservados por causa de sua presença. Naquela viagem, Deus havia determinado que Paulo chegaria a Roma e, junto com esse propósito, prometeu salvar a vida de todos os passageiros. Nada impediria o cumprimento da palavra dada por Deus.

Aplicações:

- As promessas divinas precisam ser respeitadas em seu alcance. Não devemos transformar uma promessa específica feita a Paulo numa garantia de que o cristão jamais sofrerá perdas ou verá pessoas próximas morrerem.
- O servo de Deus deve preocupar-se com as pessoas que atravessam a crise ao seu lado. A mensagem recebida por Paulo incluía soldados, marinheiros, prisioneiros e passageiros. A graça de Deus alcançaria pessoas que ainda não conheciam o Senhor a quem o apóstolo servia.

2.3 A fé e a liderança espiritual de Paulo (vv.33-36).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Fortalecido pela promessa divina, Paulo assume liderança espiritual e prática. Ele exorta todos a se alimentarem, pois precisariam de forças para sobreviver ao desfecho da crise. Ao partir o pão e dar graças a Deus diante de todos, testemunha uma fé viva que inspira coragem e esperança (Mt 5.16).*

Na décima quarta noite, depois de quase duas semanas à deriva, os marinheiros perceberam que estavam se aproximando de alguma terra. Lucas situa o navio no “mar de Ádria”, nome que, naquele período, abrangia uma área maior do Mediterrâneo central e não deve ser confundido com o atual mar Adriático. **Como ainda era noite, a tripulação não podia identificar a costa, mas as sondagens confirmaram que a profundidade diminuía rapidamente: primeiro vinte braças, cerca de 37 metros, e pouco depois quinze, aproximadamente 27 metros. O receio era atingir alguma região rochosa antes do amanhecer. Por isso, lançaram quatro âncoras pela popa e permaneceram esperando a chegada do dia (vv. 27-29).**

Enquanto o navio permanecia ancorado, alguns marinheiros tentaram fugir. Eles começaram a baixar o bote sob o pretexto de que lançariam âncoras pela proa, mas Paulo percebeu a intenção e advertiu o centurião: **“Se estes não permanecerem no navio, vocês não poderão se salvar”** (v. 31). A declaração não contradiz a promessa de que todos sobreviveriam. Deus havia garantido o resultado, mas a experiência dos marinheiros ainda seria necessária para conduzir a embarcação até a costa. Dessa vez, ao contrário do que acontecera em Bons Portos (v. 11), o centurião levou a advertência de Paulo a sério, e os soldados cortaram as cordas do bote, impedindo a fuga.

Com o amanhecer se aproximando e o desembarque ainda pela frente, Paulo insistiu para que todos se alimentassem. A referência aos catorze dias sem comer não precisa ser entendida como abstinência absoluta de alimento durante todo esse período. A tempestade, o trabalho constante e a ansiedade haviam impedido refeições regulares, deixando os passageiros debilitados justamente quando precisariam de força para chegar à terra. Por isso, Paulo afirma que comer era necessário para a sobrevivência e reforça a promessa com uma expressão conhecida das Escrituras: nenhum deles perderia sequer um fio de cabelo (vv. 33,34).

Diante de todos, Paulo tomou o pão, agradeceu a Deus, partiu-o e começou a comer. Embora a linguagem lembre outras cenas de refeições no Novo Testamento, o texto não descreve uma celebração da Ceia do Senhor. Dar graças antes de comer fazia parte do costume judaico, e naquele navio Paulo realizou publicamente aquilo que fazia como servo de Deus. Seu gesto teve efeito imediato: os demais recuperaram o ânimo e também comeram (vv. 35,36).

Depois que todos se alimentaram, a tripulação lançou ao mar o trigo que ainda restava, aliviando o peso da embarcação para que ela pudesse avançar o máximo possível em direção à costa (v. 38). Portanto, enquanto aguardavam o cumprimento da promessa de Deus, preparavam-se para o difícil desembarque que viria com o amanhecer.

Aplicação:

- O cuidado espiritual inclui as necessidades físicas. Pessoas cansadas, famintas ou emocionalmente esgotadas precisam de palavras de ânimo, mas também necessitam de cuidado, alimento e descanso.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 2):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



3. A PROVIDÊNCIA DIVINA NO NAUFRÁGIO (At 27.39-44)

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

3.1 O cuidado de Deus preservando vidas (vv.39-44).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *A promessa do Senhor cumpriu-se integralmente: todos chegaram em segurança à terra, conforme havia sido anunciado (Lc 21.18). O naufrágio do navio não impediu o agir de Deus, antes confirmou sua fidelidade.*

Com a chegada do dia, os marinheiros puderam examinar o trecho da costa para o qual haviam sido levados. Eles não reconheceram a terra, mas avistaram uma baía que possuía uma praia e decidiram dirigir o navio para aquele ponto. Lucas acrescenta que pretendiam encalhá-lo ali “**se fosse possível**” (v. 39). A expressão indica que a tripulação enxergava uma oportunidade, e não uma garantia que chegariam. O objetivo era aproximar a embarcação da margem o suficiente para facilitar a saída dos passageiros.

A última manobra exigiu que a tripulação devolvesse ao navio alguma capacidade de direção. As cordas das quatro âncoras foram cortadas, pois recolhê-las tomaria tempo e poderia alterar a posição da embarcação. Os remos laterais usados como lemes, que permaneciam presos enquanto o navio estava ancorado, foram soltos e recolocados na água. Depois disso, os marinheiros levantaram a vela da proa para aproveitar o vento e seguir em direção à praia (v. 40). **Cada ação tinha a finalidade de controlar os últimos movimentos do navio.**

O encalhe aconteceu antes que o casco alcançasse a margem. Lucas afirma que a embarcação atingiu um lugar onde “**duas correntes se encontravam**”, expressão que também pode descrever um baixio cercado por águas de direções diferentes. A proa penetrou no fundo e ficou imóvel, enquanto a popa continuou exposta à força das ondas. O contraste entre as duas partes explica a rápida destruição do casco. A parte dianteira permaneceu presa, mas a traseira começou a desfazer-se sob os repetidos impactos do mar (v. 41).

A perda da embarcação obrigou todos a atravessarem o trecho final dentro da água. Aqueles que sabiam nadar deveriam lançar-se primeiro e seguir até a terra. Os demais poderiam apoiar-se em tábuas e em pedaços que se soltavam do casco (vv. 43,44). **A distinção feita por Lucas mostra que os passageiros não possuíam as**

mesmas condições. Alguns tinham habilidade para nadar; outros precisavam de algo que os mantivesse na superfície. O importante era que cada pessoa recebesse um meio compatível com sua necessidade.

Aplicações:

- Não devemos desprezar os meios simples pelos quais Deus pode nos ajudar. Naquele dia, saber nadar ou encontrar uma tábua foi decisivo para atravessar as águas.

Pessoas que enfrentam a mesma crise podem precisar de auxílios diferentes. Exigir de todos a capacidade dos nadadores deixaria os mais frágeis sem apoio. O exemplo deste episódio nos ensina que devemos reconhecer os limites de cada pessoa e oferecer a ajuda necessária.

3.2 A soberania divina acima das decisões humanas (vv.42,43).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

Quando o navio começou a se partir, outro perigo ameaçou a vida dos prisioneiros. Os soldados temiam que algum deles aproveitasse a confusão para escapar e, por isso, planejaram matá-los antes que deixassem a embarcação.

A decisão dos soldados estava relacionada à disciplina militar romana. Um guarda poderia ser severamente responsabilizado caso o prisioneiro sob sua custódia escapasse. Herodes mandou executar os guardas depois da libertação de Pedro, e o carcereiro de Filipos tentou tirar a própria vida quando pensou que os presos haviam fugido (At 12.19; 16.27). Os soldados queriam evitar uma possível punição, mas procuraram fazê-lo à custa da vida daqueles que deveriam vigiar.

O plano não foi executado porque Júlio interveio em favor de Paulo. Era o mesmo centurião que recebera os prisioneiros em Cesareia e providenciara a mudança de navio em Mirra (vv. 1,6). A embarcação havia mudado, mas os soldados e os presos continuavam sob sua autoridade. Júlio podia impedir a matança e determinar como todos deveriam abandonar o navio.

Ao longo da viagem, a maneira como Júlio tratou Paulo passou por mudanças. Em Sidom, permitiu que ele visitasse os amigos; em Bons Portos, preferiu ouvir os profissionais do mar; durante a tempestade, passou a considerar seriamente suas advertências; e, no momento do naufrágio, decidiu preservar sua vida (vv. 3,11,31,43). Lucas não afirma que o centurião tenha se convertido, mas mostra que Paulo conquistou seu respeito e sua confiança.

A intervenção de Júlio preservou todos os prisioneiros porque não seria possível salvar Paulo sem impedir que os demais fossem mortos. O centurião agiu movido pelo desejo de proteger o apóstolo, mas sua decisão contribuiu para o cumprimento do que Deus havia anunciado. Quando os soldados planejaram uma matança, o Senhor já havia preparado uma autoridade capaz de contê-los.

Aplicações

- Quem possui autoridade deve empregá-la para impedir o mal. Júlio não acompanhou a decisão dos soldados; usou sua posição para interromper o plano antes que ele se transformasse em uma carnificina.
- Uma vida íntegra pode conquistar respeito mesmo entre aqueles que não compartilham da nossa fé. A conduta de Paulo durante a viagem contribuiu para que sua palavra e sua vida fossem consideradas no momento decisivo.

3.3 O cumprimento fiel da promessa de Deus (v.44).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Conforme a palavra do Senhor, todos escaparam com vida. A fidelidade de Deus prevaleceu sobre o caos da tempestade. Durante toda a crise, Paulo permaneceu sustentado pela promessa divina, demonstrando que a esperança firmada em Deus não decepciona.*

A declaração que encerra o capítulo confirma o cumprimento de tudo o que Deus havia anunciado durante a tempestade. Ao escrever que **“assim todos chegaram salvos à terra”** (v. 44), Lucas fecha o relato destacando o resultado. Nenhuma das 276 pessoas que estavam a bordo perdeu a vida. A palavra “todos” confirma, sem exceção, aquilo que havia sido prometido nos versículos anteriores.

O desfecho deste episódio demonstra que Deus cumpriu exatamente o que havia dito. Nem a violência da tempestade, nem a destruição do navio, nem as decisões humanas puderam impedir sua palavra. O Senhor é fiel, sua palavra é verdadeira e seu poder está acima dos acontecimentos naturais e das ações humanas. Por isso, podemos confiar nele mesmo quando ainda não sabemos como sua promessa se cumprirá.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 3):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



CONCLUSÃO

Agradecemos a Deus pela oportunidade de concluirmos mais uma pré-aula da Escola Bíblia Dominical. Nesta lição, aprendemos que decisões imprudentes podem produzir grandes perdas e que a experiência humana possui limites. Também vimos que, quando todos perderam a esperança, a Palavra de Deus sustentou Paulo e

trouxe ânimo às pessoas que estavam no navio. Mesmo com a destruição da embarcação, o Senhor cumpriu exatamente o que havia prometido e preservou todas as vidas.

Que esta lição nos ajude a ouvir as advertências, agir com prudência e permanecer firmes na Palavra de Deus quando surgirem as tempestades. As circunstâncias podem escapar do nosso controle, mas jamais estarão fora do governo do Senhor. Esperamos você na próxima pré-aula, em nome de Jesus. Deus abençoe. Amém!

ABRA JAULA

REFERÊNCIAS

- GARLAND, David E. **Comentário expositivo Atos**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- STOTT, John. **A mensagem de Atos**. São Paulo: ABU Editora, 1994.
- PEARLMAN, Myer. **Atos: estudo do livro de Atos e o crescimento da Igreja Primitiva**. Tradução: Gordon Chown. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.
- WILLIAMS, David J. **Atos**. Tradução: Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 1996. (Novo Comentário Bíblico Contemporâneo).
- KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. Tradução: José Gabriel Said. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Org.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. Tradução: C. E. S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- KEENER, Craig S. **Comentário Exegético Atos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2024. 4 v.
- LONGENECKER, Richard N. Acts. In: LONGMAN III, Tremper; GARLAND, David E. (Ed.). **The expositor's Bible commentary**. Rev. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2007.
- FERNANDO, Ajith. **Acts**. Grand Rapids: Zondervan, 1998. (The NIV Application Commentary).
- POLHILL, John B. **Acts**. Nashville: Broadman & Holman, 1992. (The New American Commentary, v. 26).
- LOPES, Hernandes Dias. **Gálatas: A Carta da Liberdade Cristã**. São Paulo, SP: Hagnos, 2011.